

ARTIGOS

O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo

The experience and the place of reason in the origin of knowledge of tourism

Marutschka Moesch¹

¹ Professora doutora no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília. E-mail: marumoesch@gmail.com

Resumo

Este artigo discorre sobre o domínio material e conceitual do turismo-tese, o objeto da ciência, através dos conhecimentos sistematizados por autores da área e por organismos oficiais de caráter mundial. Analisamos a fragilidade dessas teorias de indução empírica e a atitude positivista onde ocorre uma explícita subordinação do imaginário pela observação do fato. Reconstruímos a epistemologia interna, estabelecendo uma crítica ao domínio conceitual-antítese aos métodos e fundamentos utilizados no ensino do Turismo como um campo disciplinar: o empirismo, o funcionalismo e o sistemismo. Alçamo-nos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli e da teoria da complexidade de Edgar Morin, buscando a construção de um conhecimento turístico interdisciplinar abarcando sua complexidade. A nova síntese é permeada pela análise da epistemologia derivada, onde a relação de sujeito/objeto reconstrói-se organicamente e de forma complexa, estabelecendo-se o domínio da psicogênese e sociogênese do conhecimento turístico, recuperando os valores humanos no discurso científico do turismo.

Palavras-chave: Epistemologia do turismo. Teoria da complexidade. Teorias do turismo.

Abstract

This article deals with on the material and conceptual dominion of the tourism-thesis, object of science, by means of the knowledge systematized by authors of the area and official organisms of world-wide character. It analyzes the fragility of these theories of empirical induction, and the positivism attitude where it happens an explicit subordination of the imaginary one by the observation of the fact. Rebuilding the internal epistemology establishing a critic to the dominion conceptual-antithesis, the methods and foundations used in the education of the tourism as a disciplinary field: the empirical, the functionalism and the systemic. It supported in the comprehensive sociology of Michel Maffesoli and in the theory of the complexity of Edgar Morin, trying the construction of a interdisciplinary tourism knowledge including its complexity. The new synthesis is taken by the analysis of the derived epistemology, where the subject/object relationship is reconstructed by organic and complex forms, settling down the

dominion of the psychogenesis and the socyogenesis of the tourist knowledge, recovering the human values in the scientific speech of the tourism.

Keywords: Epistemology of tourism. Theory of the complexity. Theories of the tourism.

1 Introdução

A ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto. Fundamentalmente, consiste em produzir, com a ajuda de abstrações e de conceitos, o objeto a ser conhecido. Ela constrói o seu objeto próprio pela destruição dos objetos da percepção comum. Seu progresso não se faz por acumulações, ou seja, novas verdades que vêm a justapor-se ou sobrepor-se às já estabelecidas. O saber de turismo não é linear. Não há evolução, mas “revolução”, progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo.

As implicações epistemológicas para a construção de uma teoria do turismo, sob uma concepção interdisciplinar, requer a superação de paradigmas fossilizados em muitos discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. Revisitar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais deste fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores dos cursos da área, no Brasil. Essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre consultores e políticos que atuam no setor, cujos discursos eufemísticos apontam números grandiosos, sem se ater ao papel dos *sujeitos* consumidores e produtores envolvidos e todas as implicações que este fenômeno complexo estabelece.

O turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo. A partir de 1960, o turismo explode como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional. O fenômeno que atinge esta expansão tem gerado análises, estudos e pesquisas, tanto no âmbito dos órgãos oficiais, como dos setores produtivos e de algumas academias, deixando de ser uma preocupação secundária em termos teóricos. Historicamente, a ênfase no conceito de turismo, desde 1911, está no tráfego das pessoas. A própria definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma conceituação simplificada, enfatizando o volume aparente de um fenômeno de dimensões qualitativas e quantitativas tão complexas. A relação do contexto histórico pós-guerra e o crescimento dos fluxos turísticos determinam o reducionismo em seu tratamento epistemológico. O turismo é entendido como atividade econômica, portanto, seu estudo passa a

ser recheado de índices estatísticos, projeções de crescimento, planos e projetos em nível macro e micro, estudos de demandas, viabilidades econômicas de investimentos, custo-benefício entre produção e consumo. Conseqüentemente, o saber turístico é reduzido às informações e sistemáticas sobre seu setor produtivo.

Retomar historicamente os conceitos que expressaram o turismo é colocar a crítica no contexto da produção social do conhecimento existente. Compreender é arriscar-se a uma linguagem elaborada sobre o sentido e a maneira pela qual os saberes turísticos se estruturam. O que implica pesquisar em que condições eles foram produzidos e podem ser considerados válidos.

A reflexão epistemológica impõe aos próprios pesquisadores os instrumentos de conhecimento dos quais as ciências dispõem, reflexão com vista a superar as crises revendo a pertinência dos conceitos, das teorias e dos métodos diante das problemáticas que são objeto de suas investigações, pois estabelece as condições de objetividade dos conhecimentos científicos, dos modos de observação e de experimentação, examina igualmente as relações que as ciências estabelecem entre as teorias e os fatos.

O que vem a ser estruturante no fenômeno turístico? Considerar que só há interesse setorializado é decidir permanecer para sempre no domínio da linguagem restrita. Pelo contrário, aceitar a questão global da existência é abrir-se a uma pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido. A base de nossa investigação está na busca do sentido.

Algumas questões se impõem na tentativa de problematizar a investigação do fenômeno turístico como:

- os limites no tratamento do objeto de conhecimento;
- o objeto construído, até então, não é adequadamente tratado sob o olhar especializado disciplinar, a partir de um conceito de ciência empírica privado de reflexão;
- construir uma epistemologia social do turismo para quê?;
- para fundamentar um corpo de conhecimentos com entidade teórica particular, dentro da complexidade de suas relações práticas, impõe uma ruptura epistemológica, onde o modo de produção dos conhecimentos turísticos, até então utilizados, interessa-nos tanto quanto seus procedimentos de validação.

Para tanto, temos de levar em conta que os primeiros ensaios teóricos no campo do turismo visaram romper com os pressupostos empiristas, demarcados pela verificação estatística e pelo determinismo econômico. Banhados pelo pós-positivismo e pela lógica kantiana, de um lado, esses ensaios não tiveram a preocupação de

uma reflexão sobre os princípios, os fundamentos, a validade da ciência turística, pois nem como disciplina o classificam, quanto mais esforços epistemológicos empreendem para verificar a possibilidade de o turismo ser uma ciência.

Piaget enumera quatro conjuntos de problemas relativos às ciências em geral. *O primeiro conjunto* é identificado com o domínio material de uma ciência, quer dizer, com o conjunto dos objetos sobre os quais ela incide. Em turismo, o programa do ensino acadêmico deveria integrar o sujeito (turista), a sociedade (encontro turístico) e o mundo (espaço turístico) como objetos de estudo (ou seja, conteúdo material do programa).

O segundo conjunto diz respeito ao problema das teorias; quer dizer o conjunto de conceitualizações ou de conhecimentos sistematizados, elaborados por essa ciência sobre o seu ou os seus objetos. Trata-se aqui das disciplinas em ciência do turismo: Epistemologia do Turismo, Marketing Turístico, Turismo Rural, Desenvolvimento e Planejamento Turístico, Hospitalidade, Turismo Ecológico, Lazer e Animação Turística, Gerenciamento de Organizações de Turismo, Legislação Turística, Geografia Turística, Pesquisa Turística, Comunicação Turística, Economia Turística etc.

O terceiro conjunto aborda a epistemologia interna da ciência e os problemas dos fundamentos. Trata-se de teorias que fazem críticas ao domínio conceitual: teorias compensatórias funcionalistas do turismo; o humanismo e o turismo como expressão; teorias da alienação e o turismo como objeto de consumo massivo; a concepção sistêmica do turismo.

O quarto conjunto trata do problema do sujeito e do objeto no conhecimento constituído; revela o domínio da epistemologia derivada da ciência. É o conjunto das relações entre o sujeito e o objeto, ou seja, do papel do sujeito no conhecimento. Trata-se de ver como a constituição da ciência do turismo tornou-se possível.

A construção de uma teoria do turismo é a formulação teórica do seu objeto e sua explicitação conceitual. Para tanto, o recorte conceitual proposto, através da reconstrução das categorias economia, tempo, espaço, sujeito, comunicação, diversão, tecnologia, ideologia, imaginário e pós-modernidade, marca um posicionamento intelectual de resistência à submissão da realidade filistina (econômica, mercadológica) das evidências sobre o saber turístico.

A incompletude da teoria do turismo proposta mobilizou na direção de uma epistemologia social do turismo. O que nos remete a uma ruptura epistemológica com os autores pré-paradigmáticos como Sessa, Molina, Lainé e Beni, no entendimento sobre a utilidade de uma ciência do turismo. O que requer profundos questiona-

mentos sobre sua episteme – o principal nódulo das divergências sobre o turismo como ciência. Essas divergências estão na compreensão do que é o objeto científico da teoria do turismo, pois a visão economicista não alia sujeito-objeto em seus estudos. Entendo ser esta a propositura sobre a forma do fenômeno turístico, o que não permitiu, porém, avançar, pois a forma é formadora! E o não rompimento epistemológico imobilizou o entendimento da complexidade do objeto estudado.

A epistemologia social do turismo, assim concebida, situa-se, portanto, de imediato, numa lógica da descoberta quanto numa lógica da prova. O modo de produção do conhecimento interessa-lhe tanto quanto seus procedimentos de validação. Consequentemente, a metodologia deve apreender a ciência como um processo vivo e não como produto sequencial.

2 Ruptura epistemológica

Turismo como um objeto de conhecimento requer uma ruptura epistemológica nas concepções deterministas até então consagradas; o que é um desafio, pois devemos superar os discursos institucionais e acadêmicos fossilizados, nos quais o objeto do turismo nem sequer tem consistência para ser uma disciplina. Além disso, turismo não é algo dado, ele está ligado às culturas e o ato de receber um visitante é enraizado no código da tradição.

No código da hospitalidade, é necessário venerar o viajador errante, oferecendo-lhe o que é mais precioso, ou seja, o que é mais íntimo. Tampouco o conceito de hospitalidade cai do céu: é uma construção ligada a uma cultura. Também é em nome do rigor científico que tentam construir todo o corpo teórico do fenômeno estudado, mas através da ideia que gostariam de ter dele, visto terem renunciado aos seus apelos e às suas significações.

Mas então, qual a dificuldade a resolver? Entendemos que a razão da não construção de uma teoria do turismo está na má compreensão do domínio do objeto turístico, no objeto de investigação mal definido e, consequentemente, na assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos. Por isso ainda perguntamos se há falta de reflexão sobre o estudo. É aqui que se situa o ponto de partida do ato completo do pensamento. A amplitude do objeto desafia o entendimento humano; esse objeto que, simultaneamente, é exterior a nós. Ele está em nós e interage conosco, suporta mal o isolamento do sujeito em relação ao seu objeto. Entretanto, a hiperespecialização impede de ver o global — o sistema turístico — (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial — o sujeito turístico — (que ela dilui).

E, infelizmente, o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender “o que é tecido junto”, isto é, o complexo. Apresenta-se, então, a dificuldade em definir de uma maneira simples o objeto da ciência do turismo. Explicamos, sobretudo que o objeto não pode dissociar-se do sujeito, chegando mesmo a estabelecer-se entre eles uma dialética complexa.

Ao escaparem à ordem dos valores e das significações, por exigências de rigor metodológico, os objetos das disciplinas humanas teriam ingressado no domínio dos fatos, analisados segundo os procedimentos da verificação experimental, e expressos numa linguagem o quanto possível formalizada. É nessa direção que as teorias do turismo não avançam, arrastando o pensamento do turismo sobre ele mesmo.

Mas para a compreensão do turismo na atualidade, temos um outro dispositivo que é o corte epistemológico, em contraposição à instauração da Ciência do Turismo na ordem da objetividade. Isso porque ela não pode reduzir-se a um puro conhecimento dos dados. Torna-se imprescindível, portanto, uma decisão de ordem metodológica, porque a ideia do conhecimento objetivo inclui o reconhecimento do caráter ilusório da experiência imediata e vivida.

Sabe-se que a ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto. Fundamentalmente, ela consiste em produzir, com a ajuda de abstrações e de conceitos, o objeto a ser conhecido. Ela constrói o seu objeto próprio pela destruição dos objetos da percepção comum. Diante dessa percepção, temos que o saber do turismo não pode ser linear. Seu progresso não se faz por acumulações, novas verdades vindas para justapor-se ou sobrepor-se às já estabelecidas. Não há evolução, mas “revolução” progredindo por reformulações, por refusões em seu corpo teórico, por retificações de seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo.

3 Modelos metodológicos

Dentro deste campo paradigmático, o modelo é uma construção metodológica que se operacionaliza em dois momentos: o da construção e reconstrução da estrutura do objeto, e a construção e reconstrução do processo de conhecimento. Assim, para buscarmos uma ciência do turismo devemos ir muito além da construção de uma metodologia, já que esta não deve ter um fim em si mesmo, mas ser um meio para se atingir o fim cognitivo

Sabemos que a prática científica não se reduz a uma sequência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de protocolos codificados, o que faz da

metodologia científica uma simples tecnologia. As “pesquisas” assim apreendidas frequentemente se convertem em pequenos estudos estatísticos sobre os mais insignificantes assuntos.

Evidentemente, não negamos a importância dos instrumentos de medida das Ciências Humanas. O que nos parece contestável é a pretensão de se conhecer os fenômenos apenas pelos instrumentos metodológicos, como se eles constituíssem o único meio que essas disciplinas possuem para o ingresso na cientificidade e a eliminação da subjetividade.

Aqueles que se recusam a tratar de problemas importantes e interessantes, unicamente porque não conseguem usar os instrumentos de medida, a exemplo de Tribe (1997), para os fatores em jogo, condenam sua ciência à esterilidade epistemológica. E quando as Ciências Humanas se deixam subjugar pelos aparelhos administrativos e organizacionais das instituições e do Estado, sem dúvida é porque já está em estagnação epistemológica, como o tratamento dado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) quanto à cientificidade do turismo.

Se a metodologia é válida e necessária para a formação dos cientistas humanos, parece-nos que é muito mais enquanto disciplina instrumental, disciplina de indagação e de questionamento sobre a maneira com que eles devem conhecer seu objeto. Sendo, pois, seu objeto de estudo um fenômeno social. Destacamos, então, que o objetivo de uma ruptura epistemológica não é o de dar uma série de respostas, mas de fornecer outros métodos de pensamento que não os das ciências naturais, na esperança de que isto contribua para tornar as práticas sociais, no estudo particular – o turismo – por um lado, mais responsáveis e humanas

Muitos vivem sem jamais deixar o nível do código restrito, a exemplo das análises dos autores da área epistemológica do turismo e suas reproduções bibliográficas que têm uma formação extremamente aprimorada, quando se trata de códigos restritos, e formação alguma quanto à utilização das tradições relativas ao código elaborado. Por isso, arriscar-se a uma linguagem elaborada sobre a lógica do turismo no seu sentido mais amplo deve ser, nesses termos, reivindicado. Dentro da perspectiva de Fourez (1997), o termo “lógica” recobre o estudo da maneira pela qual os saberes humanos se estruturam; implica pesquisar em que condições eles podem ser considerados como válidos. Esse domínio corresponde ao que se chamou por vezes também como filosofia da ciência, que considera a maneira pela qual os saberes se organizam, ou seja, a epistemologia, que em grego, significa “a ciência do saber”.

A pesquisa epistemológica proposta tem significação apenas para aqueles a quem a história e as decisões humanas colocam uma questão sem querer impor esta ques-

tão a todos, sem absolutizar um novo discurso, dominando os anteriores. Portanto, construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista interdisciplinar, em que a cada momento é, simultaneamente, produzida e produtora, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo está na parte.

Mais uma questão pode ser destacada nesse processo de consubstanciação do turismo na atualidade. Trata-se do princípio de identidade, que pode ser revelado como o sustentáculo da Razão Imperial, refúgio do estudo do turismo numa lógica identitária, segundo a qual os números estatísticos do turismo constroem uma motivação comportamental. Isso porque o turismo como atividade industrial não teria sentido; sem o reducionismo determinista do turismo como indústria e a ciência do turismo não teria história. Para além dos métodos, das técnicas, das receitas, dos truques da profissão, é preciso aprender, a saber, ver e a saber pensar. São duas fases indissociáveis do processo do conhecimento. Ignorá-lo é nos tornar cegos, surdos, insensíveis, sem olfato e sem paladar, uma vez que, no fundo, qualquer método que mereça esse nome deve, antes de tudo, ser um método crítico.

Para Morin, o problema do método é ligar a crítica à autocrítica. Um método crítico que critique tudo, exceto os seus próprios pressupostos, quer dizer o seu próprio sistema de confiança e de racionalização, pois saber pensar significa indissociavelmente saber pensar o pensamento. Temos necessidade de nos pensarmos pensando e nos conhecermos conhecendo.

A epistemologia proporciona os pressupostos gerais em que se apoiara a criação de uma teoria particular, a do turismo, neste caso, com o propósito de que esta seja consistente com os pressupostos de seu desenvolvimento. As doutrinas que fundamentam a teoria que se quer elaborar determinarão o conteúdo e o método da mesma. Ademais a teoria geral do conhecimento, o construtor de teorias deve saber aplicar a teoria das categorias.

Uma historiografia evolutiva das grandes descobertas científicas não é o suficiente para o construto de uma epistemologia. Assim, esse artigo não abarca a totalidade de um projeto de “explicação” cujo objeto não é a sucessão dos conhecimentos científicos sobre o turismo, não para determinar suas causas, mas para determinar estruturas reais de sua produção. Cabe a essa epistemologia integrar, em sua construção, o estudo das condições sociais econômicas, históricas e ideológicas das ciências, embora não deva se reduzir a nenhuma dessas dimensões, pois conforme Granger “a tarefa da epistemologia é a de descrever e fazer compreender o sentido, o alcance e os processos do esforço de racionalização, na explicação dos fenômenos que o movimento das ciências exprime” (apud HAMBURGER, 1988, p. 97).

Indo um pouco mais além, temos que se toda a ciência funciona num setor cuja definição assegura a pertinência de suas proposições, como se demarcar as fronteiras da ciência do turismo? Sobre essa questão, são as posições epistemológicas que, do ponto de vista histórico e metodológico, ainda se conflitam. Ao construir um fato observável – o turismo –, colocamo-nos à prova da observação. Como de resto, a maioria das “provas” que encontramos nos manuais científicos consiste em uma releitura do mundo utilizando o modelo que se colocou.

A primeira posição considera que o turismo é uma indústria. Clara abordagem econômica, de caráter empírico, mas a nebulosa demarcação do elemento industrializado nos chamados recursos que fornecem as experiências, serviços e felicidades para a formulação de um sistema de turismo separa a sua parte industrial e não industrial, na tentativa de análise do envolvimento econômico, administrativo e governamental. Entretanto, ainda não foi produzida uma definição única de indústria do turismo que tenha conseguido reconhecimento geral, assim várias publicações afirmam que há uma indústria do turismo; outras, que a indústria do turismo não é um setor único identificável da economia, mas múltiplas indústrias estão envolvidas, que uma indústria no sentido literal do termo nunca se materializou. Nessa posição fica clara a similaridade quanto à humanização da natureza, a natureza enquanto algo que deve ser dominado pela humanidade. O turismo como indústria é a manifestação da técnica que domina a natureza, o tempo e o espaço, colocando-os como recursos de uso mercantil.

A segunda posição defende o turismo como um fenômeno. Diversos argumentos e estruturas relacionados à epistemologia do turismo foram propostos, concentrando-se principalmente sobre o debate da disciplina-domínio. A terceira posição privilegia o objeto da ciência do turismo, não o fato científico em si mesmo. Considera o objeto da ciência do turismo como algo produzido na história humana, devendo ser compreendido quando estudado na sua processualidade, portanto de forma dialética e interdisciplinar.

Todo mundo exterior representa aquilo que se designa comumente por uma única palavra: o real. Pode tratar-se de uma paisagem ou de um grupo de turistas, de um *resort* ou de museu, de uma praia ou de um luau, de uma criança indígena ou de um quadro octogenário, da água de uma cascata ou da visão da Terra em 3D, das recordações ou dos fatos de uma viagem, do imaginário ou do social, do orgânico ou do físico etc. Mas, bastará dizê-lo e descobrir verdadeiramente? Tudo depende: se o real é dado imediatamente e não por processo complexo de mediação, o conhecimento do real revela-se realizável à primeira vista. Porém, é um caso raro.

Trata-se de uma representação do mundo exterior orientada para certo fim. Exis-

te, pois, algo de conhecido, mas não é o real. E o que há para conhecer só o pode ser sob forma de uma representação, que Lacan (1992) define como sendo realidade. Daí a segunda vertente da primeira distinção relativa aos níveis de conhecimento. A realidade é sempre a nossa representação do mundo exterior. E essa representação está sobre influência de questões ou de hipóteses erguidas pela ciência; está também sobre a dependência dos preconceitos, das crenças, das ideologias, dos mitos... É por isso que a realidade é incrivelmente diferente segundo as épocas e as culturas. Estados mentais imprimem as nossas ações e percursos que são característicos tanto dos obsessivos como dos cientistas, dos perversos como dos artistas, união da *poesis* e do pragmatismo.

O objeto já não é algo apreensível e definível por si só. Existe uma relação entre objeto e o sujeito que não é apenas explicativa. O objeto encontra-se num ambiente investigado por um sujeito, ele próprio existente num ambiente particular (a família, o meio, o país, a língua, a religião, a cultura). Daí esse objeto que é apreendido por diversas vias (simbólico e imaginário) e que nunca se torna real. Mas uma realidade é o fruto de um conhecimento, de saber, de conceitualização do mundo exterior que é pessoal, ao mesmo tempo em que depende de uma cultura singular.

Segundo Morin (2000, p. 115), “é preciso ecologizar as disciplinas, isso é, levar em conta o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se”. Quanto mais é desenvolvida a inteligência geral, maior é a sua capacidade de tratar os problemas especiais.

O real do turismo é uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão e ideologia são partes de um fenômeno pós-moderno, em que o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor da prática social turística. Não nego a contingência material do turismo em sua expressão econômica, mas ela ocorre historicamente, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a serem irrigados com o desejo de um sujeito biológico: sujeito objetivado, fundamental para a compreensão do fenômeno turístico como prática social, e subjetivado em ideologias, imaginários e necessidade de diversão, na busca do elo perdido entre prosa e poesia.

O problema turístico deve ser estudado em sistemas. Segundo Arguello (1994), todas as partes do sistema interagem, sendo possível desenvolver teorias a partir das suas interações. A interação seria mais do que buscar as ciências isoladamente. Tratar-se-ia de estudar o fenômeno turístico segundo os sistemas em que ele se insere e se constitui numa complexa trama de elementos e interações. O sistema

turístico, assim entendido, é um sistema aberto, complexo, contrapondo-se à concepção histórica sobre sistemas fechados, utilizados pelos físicos e biólogos.

Para a construção do objeto científico do turismo, destacamos a epistemologia social, que é a teoria de uma prática, a qual, por ser humana, se transformará paulatinamente na prática de uma teoria. Assim, a teoria adquire uma estrutura efetiva de prática material, ao mesmo tempo em que a prática está, pela intencionalidade, na teoria. É na unidade da dialética fundamental entre a teoria e a prática que nasce a epistemologia social.

No transcurso de uma consolidação da epistemologia social do turismo cabe registrar o papel de um estatuto ontológico com vistas a figurar no processo histórico, desde o termo turismo de raiz cartesiana e empirista até a estrutura na qual a dialética e a complexidade predominam e, portanto, se reconhece a primazia do intencional e do sentido sobre o meramente econômico e produtivo. Assim, o turismo como uma “ciência social” tem condições de autojustificar-se cientificamente a partir de uma teorização própria, que tenha em conta o sujeito e o encontro; ou melhor, o sujeito na sua totalidade, na intencionalidade para o deslocamento, no ir e vir, como resposta pessoal aos apelos da transcendência humana.

O turismo é visto então como uma prática social da vida humana, preparada para o chamamento mais radical (que exige uma opção fundamental) que nos orienta para a superação e encontra seu dinamismo enraizado numa experiência ontológica do nomadismo e anseio de superação. Nessa perspectiva, o ser humano é movimento, comunicação, presença. A mulher e o homem são sujeitos nômades, nomadismo que se faz representar historicamente pelo tipo de deslocamento, deslocamento que se expressa determinado pelas condições econômicas, sociais, tecnológicas e ideológicas de cada tempo histórico, mas criadora acima de tudo. Assim, o turismo pode ser percebido e estudado como ciência autônoma.

A busca de estruturas mutáveis no fenômeno turístico permite em sua epistemologia histórica ver ressurgir sempre e outra vez renovadas, coisas arquivelhas, arquétipos, emergindo sob nossos olhos, como nos cita Maffesoli (1994). Formas matriciais, que só com uma nova sensibilidade teórica, complexa, onde, ao lado da via régia da razão, existe um mundo da paixão, explicitador de novas estruturas brotadas do cotidiano.

A história nos mostra que a domesticação está na passagem do nomadismo ao sedentarismo. O nomadismo é totalmente antiético em relação à forma de estado moderno; assim, o nômade pós-moderno – o turista –, rompe as fronteiras desses estados políticos e tecnocráticos, através do deslocamento autônomo, motivado

pelo imaginário arcaico de reviver o passado, ou reencontrar a natureza, ou mesmo reencontrar-se em sua humanidade. Exemplificamos novamente com o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, Brasil, como espaço e processo desse encontro nômade.

Essa mudança de paradigma propõe um corte epistemológico: de uma atividade econômica o turismo passa para uma prática social. Mas, mesmo que façamos, no estudo atual, uma epistemologia ao jeito da arqueologia foucaultiana, ou seja, uma história dos discursos, há ainda o privilégio de uma história conceitual. Os defensores das antigas fortalezas do turismo como indústria só não sairão das muralhas atrás das quais esconderam os seus saberes, se não lograrem discuti-los com quem quer dialogar e, em conjunto, avançar para novas descobertas. Certamente, o modelo a ser desenvolvido para a produção do conhecimento turístico deve ter o caráter socialmente determinado, pois se ele constrói como experiência nômade da pós-modernidade. Assim, temos que romper o caráter apenas utilitário, funcionalista, como uma forma de lazer em movimento, como um direito ao descanso do trabalho. Contudo, não somos os mesmos da modernidade; a ambigüidade e a complexidade do tempo científico marcadamente refletido no modo de vida do século XX perderam sua confiança, estamos de novo perplexos; a quebra dos paradigmas se apresenta novamente.

Sabe-se que uma historiografia não abarca a totalidade de um projeto de “explicação” cujo objeto não é a sucessão dos conhecimentos científicos sobre o turismo, que determine suas causas, mas, para determinar as “leis” reais de sua produção, cabe a essa epistemologia integrar, em sua construção o estudo das condições sociais econômicas, históricas e ideológicas das ciências, embora não deva se reduzir a nenhuma dessas dimensões.

A epistemologia é a filosofia de, em, desde, com e para as ciências, que estuda a emergência, produção e transformação dos conhecimentos científicos e bem assim as condições institucionais que as tornam possíveis. Por conseguinte, devemos reconhecer que nenhuma disciplina em Ciências Humanas é, em si, pura. Num ponto ou noutro, aflora outra disciplina. Cada vez que uma observação não concorda com uma teoria é sempre possível, mais do que modificar a teoria, modificar as regras de interpretação da observação e descrever diferentemente o que vemos. Uma observação seria, portanto uma maneira de olhar o mundo integrando-o à visão teórica mais antiga e aceita. Em um dado objetivo da realidade histórico-social do turismo, temos um fator ativo, transformador (e re-criador) das situações objetivas, dando, assim, gênese ao seu objeto. Em suma, não observamos simplesmente o que que-

remos ver, inserimo-nos em algo maior, em uma história humana e em um mundo.

Na primeira etapa da complexidade proposta na construção da epistemologia social do turismo, segundo o pensamento complexo de Morin (2001), temos conhecimentos simples que nos ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. Uma constatação banal que tem consequências não banais: o sistema turístico é mais que a soma das partes – seus subsistemas – que o constituem. Um todo é mais que a soma das partes que o constituem. No sistema turístico, como em toda a organização viva, os subsistemas não estão dispostos ao acaso. Estão organizados em função de um tecido de sustentação que serve de sustentação das diversas estruturas do sistema, de uma unidade sintética em que cada parte contribui ao conjunto. O turismo mesmo é um fenômeno perceptível e cognoscente, que não pode ser explicado por nenhuma lei simples.

A segunda etapa diz respeito à definição da dificuldade, pressupõe um controle do problema, precede as tentativas de solução deste; comanda por um momento a suspensão de qualquer juízo. Portanto, a formulação de um problema tem a sua origem no trabalho do investigador. O trabalho do investigador se inscreve nos esquemas de ação do sujeito. Ora, estes não são independentes do meio, da cultura de cada um, da experiência, do saber acumulado bem como da observação.

O recorte definido para o objeto teórico estará relacionado às tendências do currículo, considerando-o no âmbito da educação e do turismo. Portanto, seriam duas abordagens que se complementam. No caso do turismo, há poucas publicações específicas a respeito do tema, ainda que sejam feitas muitas alusões ao mesmo. Contudo, é importante observarmos que já há registro das preocupações sobre a sistematicidade de uma teoria do turismo (o esforço de dar conta do tema amplamente), mas pouca é a ação investigativa que gere a sua objetivação (esforço de tratar a realidade assim como ela é, compromisso metodológico de dar conta da realidade) propriamente dita, e até mesmo, sobre o real interesse de uma discutibilidade (propriedade da coerência no questionamento, evitando a contradição performativa, conjugando a crítica e autocrítica) sobre o tema no meio acadêmico

A terceira etapa do ato de reflexão, de uma epistemologia, relaciona-se com a explicação sugerida, constituindo um salto no desconhecido, mas não passará da realização de um ensaio. Sentimos que está aqui o grande desafio do ensino e da pesquisa em turismo. Como avançarmos na sua compreensão relacionando as diferentes partes de sua constituição em um todo orgânico? A realidade deste fenômeno, sua prática social, exige uma nova práxis, um novo saber-fazer, com uma nova referência, conjugando objeto, teoria, método e a prática

Não se trata de jogar fora o paradigma cartesiano, mas refletir sobre outras contribuições em nossas práticas de conhecimento. Os defensores da objetividade sentir-se-ão incomodados com essa perspectiva, mas ela faz parte do processo de conhecimento e situa-se no ponto de partida de uma investigação. Está mesmo na base da acumulação do saber, quer dizer dos conhecimentos adquiridos e elaborados ao longo dos séculos. Esses conhecimentos que se impõem alimentam nossas possibilidades de investigação.

4 De erros e acertos na criação da disciplina

A minha memória traz ao consciente as imagens e sentimentos recheados de alegria, prazer, aromas, gostos, cores, variações climáticas, viagens longínquas, minha infância foi recheada de práticas turísticas, mas a hospitalidade de minha avó materna com seus hóspedes de um velho hotel familiar marca fortemente minha forma de ser e minhas preocupações com a mercantilização do ato de receber. Minhas análises pessoais convenceram-me de que os inúmeros estudos sobre o turismo não atingiram os objetivos previsíveis, porque esta etapa decisiva na investigação foi escamoteada ou simplesmente negligenciada. A minha opinião não constitui uma prova, mas levanta um problema para quem queira ver e evitar o amadorismo científico ou a falsa representação científica. A ausência da identificação clara e não ambígua do problema é um dos erros mais frequentes na redação de relatórios de investigação. Mas, somente a partir do século XX é que serão considerados os estudos particulares do turismo, em que se aterá principalmente ao turismo como fato econômico, e outro, ao turismo como uma prática social, dando nascimento à disciplina do turismo.

Foi com base em noções vagas relativas ao deslocamento humano, ao imaginário do sujeito turístico, percorrido de forma nodal pela comunicação e pela informação, que a disciplina se estruturou em torno de um sistema próprio, determinado pelo tempo e espaço, criando uma tecnologia intelectual, que permite pensar os problemas do deslocamento – nomadismo e do sedentarismo – o encontro entre visitantes e visitados. O turismo, a bem da verdade (e todas as disciplinas fazem o mesmo), irá definir o que são para ele o nomadismo e o sedentarismo, o espaço e o tempo, o imaginário. Uma disciplina científica nasce como uma nova maneira de considerar o mundo e essa nova maneira se estrutura em ressonância com as condições culturais, econômicas e sociais de uma época

Há momentos em que a evidência de um “paradigma científico” é colocada em questão. Hoje, os fatores psicossomáticos e os fatores ambientais ganham um es-

paço cada vez maior. Está presente aí uma maneira de “reestruturar” o objeto de conhecimento turístico. O objeto de uma disciplina não existe, portanto, antes da existência da própria disciplina; ele é construído por ela. Ou, como diz Heidegger (1958, p. 199): “a ciência não atinge mais do que aquilo que seu próprio modo de representação já admitiu anteriormente como objeto possível para si”. Em outros termos, uma disciplina científica não é definida pelo objeto que ela estuda, mas pelo que ela determina. E, na revolução de uma disciplina, esse objeto pode variar. Portanto, para construir uma “ciência do turismo” é preciso encontrar uma definição do que é o Turismo; isto só será possível após termos escolhido um ponto de vista preciso para descrever o turismo.

Tradicionalmente, numa concepção cartesiana, o turismo é dividido em três campos de entendimento a partir de sua definição. Segundo Leiper (1979), são definições econômicas, técnicas e holísticas. Na construção do objeto da ciência do turismo, o paradigma-sistema de Morin, (2001) por ser complexo, nos obriga a unir noções que se excluem no âmbito do princípio da simplificação/redução, articulando organicamente e recursivamente o uno e múltiplo, o todo e as partes, a ordem/organização com a desordem, sujeito (observador) e objeto (sistema observado).

Para Morin (2001), um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutiladoras. Essa é, para ele, a patologia contemporânea do saber. A patologia moderna do espírito está na hipersimplificação que a torna cega perante a complexidade do real, no idealismo, no doutrinário, e na racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral. O sistema não é uma qualidade intrínseca da coisa em si, senão uma atitude ou apreciação de cada um sobre o objeto de estudo. Observamos, então, que o sistema turístico como sistema vivo, se auto-organiza, e realiza sua autoprodução, ao mesmo tempo que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema. Conforme Morin (2001), o princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático, assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade de informação do todo, do mesmo modo, de certa maneira o todo é o todo que nós somos parte, está presente em nosso espírito. Por óbvio, materializamos o desejo de estarmos no mundo deslocando-nos e a viagem permite experienciar o conhecimento da parte do cosmo, uma eco-organização de nossa posição hologramática, pois nos permite a alteralidade.

Dentro do sistema turístico aberto e orgânico, na forma de um holograma, a

energia, que propicia a sua dinâmica é humana, para nossa construção teórica é o deslocamento, o qual denominaremos de nomadismo pós-moderno, utilizando a categoria de Maffesoli (2001), e o sedentarismo, que é o momento do encontro. Já o imaginário é o desejo projetivo que impulsiona este deslocamento, sendo a energia que permite a dinâmica do sistema turístico orgânico de forma hologramática. Assim, a ideia de turismo nos remete a um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto, explicitadores de uma estética diante da busca do prazer, assim denso de invariantes conceituais permitindo um movimento axiomático. Nessa perspectiva, uma epistemologia do Turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em um mundo que se globaliza.

5 Considerações finais

A conjugação dos tempos vivenciais diferenciados, a espaços cada vez mais unos, favorecendo a convivência física entre as pessoas e a vivência com intensidade das inter-relações, em praias massificadas ou em bucólicos recantos rurais, requer novas reflexões e teorias explicativas, para uma melhor atuação dos bacharéis em turismo, no processo de planejamento. As novas práticas turísticas requerem uma nova práxis turística. O turismo é um sistema aberto, mas não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar. Teórica e empiricamente o conceito de sistema aberto abre a porta a uma teoria da evolução, que não pode derivar mais que de interações entre sistema e ecossistema e que, em seus laços mais notáveis, pode ser concebido como um transbordo do sistema em um metassistema.

Analisar as diversas interpretações deste fenômeno no transcorrer do tempo, permite a formulação de problemas que visam desvelar a episteme subjacente, refletindo sobre a produção do saber turístico existente, apontando seus limites históricos no que tange a compreensão de seu objeto de conhecimento. Portanto, compreender a problemática do desenvolvimento crescente da atividade turística é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores intermediários, consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que o próprio benefício do primeiro e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas concepções implícitas

desses conceitos.

Essa postura, emergente de uma cultura de mercado capitalística, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação junto à realidade, através da relação entre visitantes e visitados.

O comportamento mercadológico determinista, que utiliza o turismo como objeto de consumo do sistema econômico, desconsidera sua interdisciplinaridade, principalmente, enquanto relação intercultural passível de interferir e atribuir novas relações e códigos estéticos e éticos, diferentes daqueles produzidos e destruídos em seres, segundo identidades, reconhecidas e reconhecíveis em grupos previamente rotulados – nativo/visitante, dominado/dominador. Tomando em consideração que o turismo é um processo humano, ele ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema econômico. E, como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como bens culturais.

“Partir de férias” é um acontecimento dotado de particular significado para cada sujeito. Existe, hoje, uma abundância fantástica de apelos publicitários, para que o maior número de pessoas viaje. A maquinaria material das comunicações e do espetáculo permanente, celebrando o consumo de objetos, é muito mais forte que os apelos de proximidade social entre diferentes sujeitos. Não viajar, para alguns, é similar a não possuir um carro ou uma bela residência. É algo que confere *status*, distinção. É um bem cultural.

A crise no estatuto do saber científico, causada pela era pós-moderna, paradoxalmente, abre um espaço analítico qualificado, para aprofundar as causas que gestaram um fazer-saber no Turismo, senão um saber-fazer. Avançar sobre o saber-fazer direciona uma nova agenda para os estudos turísticos, em temas como a motivação, as escolhas, as necessidades, o prazer, as diferenças suportáveis, as trocas culturais, a aprendizagem, a desterritorialização, a homogeneização, a destruição ambiental, o impacto cultural e social, a comunicação intercultural, a hibridização cultural, o tempo atemporal, o espaço virtual, a construção de não-lugares, e permite uma posição de relevância, juntamente aos demais temas da pesquisa acadêmica contemporânea.

Para analisar a questão do saber turístico na atualidade, é preciso abandonar as análises cartesianas do pensamento científico, examinando suas possibilidades de superação. O objetivo da ciência, no cenário pós-moderno, não é mais a busca da verdade. O seu eixo passa a ser a busca do poder, o problema colocado sob a égide da

constituição do discurso desse poder e sua legitimação. Mas há, também, um cenário em que o saber se mercantiliza e sua legitimação passa de um processo de prescrição das condições estabelecidas pela consistência interna e verificação experimental, para uma relação *in put/out put*, ou seja, a administração da prova, por créditos de cientificidade, por um jogo de linguagem no qual o que está em questão não é a verdade, mas o desempenho, a melhor *performance*. Cientistas, técnicos e tecnologias não estariam mais a serviço da busca da verdade, mas do aumento do poder.

Considerar que só há interesse setorializado é decidir permanecer para sempre no domínio da linguagem restrita. Pelo contrário, aceitar a questão global da existência é abrir-se a uma pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido. Assim, na base de nossa investigação, está a segunda escolha, a busca do sentido, o que vem a ser estruturante no fenômeno turístico. Por isso, construir um novo campo teórico para o turismo requer um método que avance na concepção do que seria conhecimento, ciência e teoria. O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do turismo – e daí a dificuldade em sua superação – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. A disciplinaridade é consequência do uso do paradigma analítico na construção dos saberes; até bem pouco tempo, este paradigma era tido como único e incontestável. Este método divide problemas grandes ou complexos em partes, acreditando, assim, diminuir sua complexidade ao diminuir a intensidade das informações e relações.

Ainda hoje, os currículos universitários, na sua maioria, tratam o conhecimento numa abordagem analítico cartesiana. E o turismo, assim construído na cabeça do estudante, é, ora, uma indústria, ora uma atividade econômica do setor de serviços, ora uma empresa que precisa ser administrada (hotel, agência, eventos), ou um campo para consultores em planejamento, que requereria um perfil de empreendedorismo. O conhecimento turístico assim compartimentado acaba entregue a uma série de especialistas, técnicos treinados para enfrentar problemas dividindo-os por regiões, segmentos, atividades etc.

Como, então, avançar na sua compreensão relacionando as diferentes partes de sua constituição em um todo orgânico? Acreditamos que a realidade deste fenômeno, sua prática social, exige uma nova *práxis*, um novo saber-fazer, com uma nova referência, conjugando objeto, teoria, método e a prática. Então, a solução é estudar o turismo em sistemas, em que todas as partes interagem, sendo possível desenvolver teorias a partir das suas interações. A interação seria mais do que buscar as ciências isoladamente, constituindo, assim, numa complexa trama de elementos e interações. O sistema turístico, assim entendido, é um sistema aberto, complexo, contrapondo-se a

concepção histórica sobre sistemas fechados, utilizados pelos físicos e biólogos. Para tanto, o conhecimento pertinente é aquele capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que estiver inscrita, contextualizando e englobando. Criar uma ciência do Turismo significa buscar dar conta da complexa multiplicidade do que é humano. Ao trabalhar a questão epistemológica interdisciplinar, seria possível, então, abrir mais opções de foco – o que defendo por representar a minha postura ideológica em relação ao projeto de investigação.

Retificamos que o estudo do turismo requer um questionamento sistemático de tudo que existe, do fazer-saber turístico, e do que se quer fazer. O saber turístico é e será objeto de desconstrução. Este pressuposto aponta uma virtude, tipicamente metodológica, do conhecimento dialético diante da análise da realidade turística. Construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas, deve ser uma conquista interdisciplinar, em que cada momento é, simultaneamente, produzido e produtor, numa recursão organizacional, em que a parte está no todo, e o todo está na parte (Demo: 1995).

Se o conhecimento moderno tornou-se um produto do mercado neoliberal, porquanto o lucro depende, cada vez mais, de produção e do uso intensivo das informações e saberes. A intervenção inovadora do fazer-saber turístico parece ser propulsora de consumos, inexistindo uma consciência crítica em sua produção e distribuição. O questionamento metodológico, a ser utilizado na desconstrução do fazer-saber, é o instrumento mais adequado para intervir na realidade turística, numa perspectiva de questionabilidade contínua.

Referências

- BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC, 1998.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- FOUREZ, Gerard. *A construção das ciências: Introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- HAMBURGER, Jean. *Filosofias e Ciências Hoje*. Lisboa: Fragmentos, 1988.
- JAFARI, Jafar. La cientificación del turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Aires, v. 3, n. 1, p. 7-36, 1994.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofício, 1995.
- _____. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2002.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Espanha: Gedisa, 2001.

_____. *O método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001, 5ª ed.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). *Introducción al turismo*. Madrid: jun. 1998.

_____. *Turismo: horizonte 2020 Nuevas Previsions de la Organización Mundial del Turismo*. Madrid, 1998.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. Sabedoria e Ilusões de filosofia. Problemas de Psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre a ciência*. São Paulo: Cortez, 2009, 6ª ed.

TRIBE, Jonh. The indisciplin of Tourism. *Annals of tourism research*. Great Britain Pergamon, v. 24, n. 4, p. 638-657, 1997.